

PALMIRA, O DAESH E O ICONOCLASH: DA ESTRATÉGIA DA TERRA ARRASADA À POLÍTICA DA CULTURA ARRASADA

DIEGO RABELO NONATO¹;
FÁBIO CERQUEIRA VERGARA²

¹Universidade Federal de Pelotas – diego_rabello@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A proposição do desenvolvimento deste trabalho é o desdobramento de alguns anos de pesquisa que realizamos ao longo da trajetória acadêmica, iniciada em curso de graduação em museologia e continuada no curso de mestrado em memória social e patrimônio cultural. Nesta direção, propomos combinar a discussão política, geopolítica internacional, patrimonial e histórica como elementos fundamentais para a construção de uma identidade síria.

O país possui uma extensão territorial de 184.050 km², está dividido em 14 regiões administrativas, e possui um produto interno bruto (PIB) de mais de US \$67 bilhões (NASSER, 2016). Sua economia, se comparada a outros países da região, é baseada no tripé agricultura, indústria da mineração e produção de energia, tendo a exploração de gás natural como uma das suas principais fontes de receitas.

A guerra na Síria iniciada em 2011 carrega um conjunto de camadas analíticas acerca do desdobramento dos confrontos que, de um lado, puseram o governo de Bashar Al Assad e seus aliados e, de outro, um complexo quadro de grupos apoiados por diferentes potências ocidentais. Dentre as muitas esferas de análise do processo conflituoso, é possível observar que há uma dimensão específica quanto à destruição do patrimônio deste país árabe, aliada a uma estratégia de minar a unidade nacional através do apoio às oposições sectárias religiosas e também da intervenção a partir dos interesses geopolíticos presentes na região.

Ainda em 2011, em um local frequentemente assolado por guerras, o processo de desestabilização que marca o cenário regional engloba as grandes mobilizações populares, começando na Tunísia. Deste então, os analistas de geopolítica convencionaram chamar este conjunto de protestos de “Primavera Árabe”, ainda que se tenha claro as multiplicidades e diferenças em cada país. O aspecto comum a essas mobilizações foi a participação massiva da população em sua grande maioria composta por jovens, incrementados com aparelhos e ferramentas e o desejo por mais liberdade, abertura e participação na política dos seus países.

O fenômeno das Primaveras chegou à Síria trazendo consigo o Estado Islâmico ou Daesh, abrindo um conflito que, de modo geral, é considerado o mais terrível desastre humanitário do Século XXI.

Na origem deste fenômeno, Jeffrey Sachs (2015) afirma que a guerra do Iraque em 2003 e a política dos Estados Unidos de substituir governos inconvenientes aos seus interesses determinaram o surgimento de grupos extremistas como o grupo *Jamaat al-Tawhid Wal Jihad* no cenário, aproveitando-se justamente do vácuo de poder deixado pela intervenção americana após a derrubada de Saddam Hussein. Segundo Sachs:

“Essas operações fracassaram e não conseguiram produzir governos legítimos e nem mesmo uma estabilidade rudimentar. Ao virar de ponta-cabeça governos estabelecidos, embora autoritários, no Iraque, Líbia e Síria, e ao desestabilizar o Sudão e outras partes da África consideradas hostis ao Ocidente, essas ações contribuíram muito para alimentar o caos, banhos de sangue e guerras civis. Foi essa desordem que permitiu ao EI capturar e defender territórios na Síria, Iraque e partes da África Setentrional (SACHS, 2015)”

A ferramenta do ato de terror perpetrado pelo *Daesh* em algumas cidades que caíram sob o seu domínio representa uma luta política que ultrapassa a mira de rifles e balas de morteiros e atinge diretamente a unidade territorial dos povos. Sobre o aspecto da quebra da memória, Pierre Nora aponta:

“Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso que a defesa, pelas minorias de uma minoria refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardado nada mais faz do que levar a incandescência à verdade a todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São Como bastiões sobre os quais se escora. (NORA, 1993, p. 16 apud GONÇALVES, p. 224).”

Portanto, atingir a perspectiva da narrativa e construção da memória foi um sofisticado incremento na luta que atravessou o terreno da batalha militar e passou a atingir diretamente o aspecto da identidade nacional do país.

2. METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa consiste na revisão bibliográfica e articulações das informações, de modo que resulte em um estudo esclarecedor do problema de pesquisa proposto, contendo as relações entre Geopolítica, Patrimônio Internacional em risco e Poder Político, atrelado a noções de memória e identidade procurando enxergar a temática através dos objetivos geral e específicos delimitados por este projeto. Como método de análise, adota-se a “Teoria Crítica” de autores vinculados a Escola de Frankfurt, especificamente Gramsci, que serviu pioneiramente como referência epistemológica dessa tradição teórica ao afirmar que “o método experimental separa dois mundos da história, duas épocas, e inicia o processo de libertação da teologia e da metafísica e de desenvolvimento do pensamento moderno, cujo coroamento está na filosofia da práxis”. (GRAMSCI, 1999, p. 166).

Nesse sentido, as fontes documentais utilizadas neste estudo serão obtidas através de documentação iconográfica de importantes museus com acervo de arte sobre o Oriente Médio, Síria e os quatro sítios que serão analisados, de publicações da área, referenciadas e/ou disponibilizadas nos *sites* de importantes museus em diversos continentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste contexto, dando continuidade ao trabalho de dissertação que apresentamos no ano de 2021, em que analisamos sob o ponto de vista, da memória social e do patrimônio, a destruição da cidade de Palmira, no noroeste

do país, analisaremos as resultantes do fim dos conflitos em locais onde o governo recuperou totalmente o controle onde encontram-se mais três sítios atingidos.

A pesquisa pretende avançar nas perspectivas históricas da formação territorial e das mudanças geopolíticas produzidas após dez anos de conflitos bélicos, a partir de fontes historiográficas, de órgãos referentes à questão patrimonial e da cobertura midiática, tanto de mídias independentes como de tradicionais, que ajudam a edificar o produto final do trabalho.

4. CONCLUSÕES

Por hora, o que obtivemos na pesquisa são aspectos preliminares que permitem algumas hipóteses sobre a questão dos conflitos no país árabe. Contudo, fundamentalmente é possível perceber as capacidades de resistência e de reconciliação das populações sírias quanto à preservação das suas identidades e de seus patrimônios, pela reconstrução patrimonial, material e imaterial, que também enseja a reinvenção de suas práticas e modos de viver em comunidade, na medida que se torna necessário ressignificar patrimônios e vivências a partir do rescaldo da destruição, constituem o que chamamos aqui de resiliência, como virtude daqueles que, diante da catástrofe, seguem firmes na busca pela sobrevivência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CANDAU, J.; FERREIRA, M. L. M. *Mémoire et patrimoine: des récits et des affordances du patrimoine*. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 58, p. 21-36, out./dez. 2015

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/Ed.UNESP, 2001.

HARMANŞAH, Ömür. ISIS, heritage, and the spectacles of destruction in the Global Media

GRAMSCI, A.(1999). **Cadernos do Cárcere**. Volume I Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

Internet

America. 2015. Disponível em: <http://bit.ly/2KwgqO5>. Acesso em: 17 jul. 2019.
BBC. Arqueólogo 'guardião' de Palmira teria sido morto pelo 'EI'. BBC News Brasil, 15 ago.2015 Disponível em: <https://bbc.in/2P9LSYK>. Acesso em: 17 jul. 2019.

BBC. *Islamic State militants destroy Palmyra statues*. **BBC**: Londres, 02 jul. 2015a. Disponível em: <https://bbc.in/3am8BrV>. Acesso em: 31 jan. 2021.

BBC. *Palmyra's Baalshamin temple 'blown up by IS'*. **BBC**: Londres, 24 ago. 2015b. Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-34036644>

BBC. *Palmyra: IS retakes ancient Syrian city*. **BBC**, 2016c. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-38280283>. Acesso em: 31 jan. 2021.

BBC. *Syria: Islamic State group 'kills 12' in Palmyra*. **BBC**, Londres, 19 jan. 2017a. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-38678189>. Acesso em: 31 jan. 2021.

BBC. *Syria: IS destroys part of Palmyra's Roman Theatre*. **BBC**: Londres, 20 jan. 2017b. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-38689131>. Acesso em: 31 jan. 2021.

BBC. *Província do Paquistão adota a lei islâmica da sharia*. Disponível: <http://bit.ly/33CzItH>. Acesso em: 20 abr. 2019

BOWEN, Jeremy. *The men saving Syria's treasures from Isis*. *New State Man*

BRASIL, Decreto nº 1.087, de 8 de setembro de 1936. Disponível em: <https://bit.ly/3aqBfld>. Acesso em: 17 jul. 2020.

ISAKHAN. Benjamin; ZARANDONA. Jose Antonio Gonzalez. *Erasing history: why Islamic State is blowing up ancient artifacts*. **The Conversation**, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2YHmvw5>. Acesso em: 17 jul. 2019.

LATOURE, Bruno. *O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem?* **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 111-150, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2RR9WR6>. Acesso em 31 jan. 2021.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. **Projeto História**. São Paulo, V.10, 1993.